



DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano II - nº 12

Vitória-ES

Outubro de 2012

Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Nesta edição:

*Saulo Ribeiro Maurício José da Silva Viviane Pimentel Érika
Domingos de Figueiredo Andra Valladares Karina Goldner
Fideles Biriba Amanda Brommonschenkel Roberto Burura*

Presente Cultural

**Música, dança, teatro, circo, capoeira
e cinema em onze bairros da capital**

USE E ABUSE

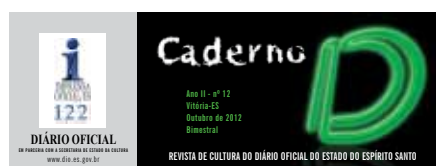
Os cem mais

A revista BRAVO, uma das mais influentes publicações culturais do país elaborou, com a ajuda de fiéis leitores, uma lista do que pode ser considerado o melhor da literatura mundial. Marque na relação abaixo as obras que já tenha lido e arregace as mangas para devorar as demais preciosidades. Não abra mão do prazer e do enriquecimento cultural que uma empreitada dessas lhe reserva.

1. Ilíada, de Homero
2. Odisseia, de Homero
3. Hamlet, de William Shakespeare
4. O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha, de Miguel de Cervantes
5. A Divina Comédia, de Dante Alighieri
6. Em Busca do Tempo Perdido, de Marcel Proust
7. Ulisses, de James Joyce
8. Guerra e Paz, de Leon Tostói
9. Crime e Castigo, de Fiódor Dostoiévski
10. Os Ensaios, de Michel de Montaigne
11. Édipo Rei, de Sófocles
12. Otelo, de William Shakespeare
13. Madame Bovary, de Gustave Flaubert
14. Fausto, de Johann Wolfgang von Goethe
15. O Processo, de Franz Kafka
16. Doutor Fausto, de Thomas Mann
17. As Flores do Mal, de Charles Baudelaire
18. O Som e a Fúria, de William Faulkner
19. A Terra Desolada, de T. S. Eliot
20. Teogonia, de Hesíodo
21. Metamorfoses, de Ovídio
22. O Vermelho e o Negro, de Stendhal
23. O Grande Gatsby, de Francis Scott Fitzgerald
24. Uma Temporada no Inferno, de Arthur Rimbaud

25. Os Miseráveis, de Victor Hugo
26. O Estrangeiro, de Albert Camus
27. Medeia, de Eurípidés
28. Eneida, de Virgílio
29. Noite de Reis, de William Shakespeare
30. Adeus às Armas, de Ernest Hemingway
31. O Coração das Trevas, de Joseph Conrad
32. Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley
33. Mrs. Dalloway, de Virginia Woolf
34. Moby Dick, de Herman Melville
35. Histórias Extraordinárias, de Edgar Allan Poe
36. A Comédia Humana, de Honoré de Balzac
37. Grandes Esperanças, de Charles Dickens
38. O Homem sem Qualidades, de Robert Musil
39. As viagens de Gulliver, de Jonathan Swift
40. Finnegans Wake, de James Joyce
41. Os Lusíadas, de Luís de Camões
42. Os Três Mosqueteiros, de Alexandre Dumas
43. Retrato de uma Senhora, de Henry James
44. Decamerão, de Giovanni Boccaccio
45. Esperando Godot, de Samuel Beckett
46. 1984, de George Orwell
47. A Vida de Galileu, de Bertolt Brecht
48. Os Cantos de Maldoror, de Lautréamont
49. A Tarde de um Fauno, de Stéphane Mallarmé
50. Lolita, de Vladimir Nabokov
51. Tartufo, de Molière
52. As Três Irmãs, de Anton Tchekhov
53. O Livro das Mil e Uma Noites
54. O Burlador de Sevilha, de Tirso de Molina
55. Mensagem, de Fernando Pessoa
56. Paraíso Perdido, de John Milton
57. Robinson Crusoe, de Daniel Defoe
58. Os Moedeiros Falsos, de André Gide
59. Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis
60. O Retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde
61. Seis Personagens à Procura de um Autor, de Luigi Pirandello
62. As Aventuras de Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll

63. A Náusea, de Jean-Paul Sartre
64. A Consciência de Zeno, de Italo Svevo
65. Longa Jornada Noite Adentro, de Eugene Gladstone O'Neill
66. A Condição Humana, de André Malraux
67. Os Cantos, de Ezra Pound
68. Canções da Inocência-Canções da Experiência, de William Blake
69. Um Bônus Chamado Desejo, de Tennessee Williams
70. Ficções, de Jorge Luis Borges
71. O Rinoceronte, de Eugène Ionesco
72. A Morte de Virgílio, de Hermann Broch
73. Folhas de Relva, de Walt Whitman
74. O Deserto dos Tártaros, de Dino Buzzati
75. Cem Anos de Solidão, de Gabriel García Márquez
76. Viagem ao Fim da Noite, de Louis-Ferdinand Céline
77. A Ilustre Casa de Ramires, de Eça de Queirós
78. O Jogo da Amarelinha, de Julio Cortázar
79. As Vinhas da Ira, de John Steinbeck
80. Memórias de Adriano, de Marguerite Yourcenar
81. O Apanhador no Campo de Centeio, de J. D. Salinger
82. As Aventuras de Huckleberry Finn, de Mark Twain
83. Contos - Hans Christian Andersen
84. O Leopardo, de Tomasi di Lampedusa
85. A Vida e as Opiniões do Cavalheiro Tristram Shandy, de Laurence Sterne
86. Uma Passagem para a Índia, de Edward Morgan Forster
87. Orgulho e Preconceito, de Jane Austen
88. Trópico de Câncer, de Henry Miller
89. Pais e Filhos, de Ivan Turguêniev
90. O Naufrago, de Thomas Bernhard
91. A Epopeia de Gilgamesh
92. O Mahabharata
93. As Cidades Invisíveis, de Italo Calvino
94. Oh The Road, de Jack Kerouac
95. O Lobo da Estepe, de Herman Hesse
96. O Complexo de Portnoy, de Philip Roth
97. Reparação, de Ian McEwan
98. Desonra, de J. M. Coetzee
99. As Irmãs Makioka, de Junichiro Tanizaki
100. Pedro Páramo, de Juan Rulfo



DIO

MIRIAN SCARDUA
Diretor Presidente

MIRIAN SCARDUA (respondendo)
Diretor Administrativo-Financeiro

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

MAURÍCIO JOSÉ DA SILVA
Secretário de Estado da Cultura

ERLON JOSÉ PASCHOAL
Subsecretário de Estado da Cultura

JOELMA CONSUELO FONSECA E SILVA
Subsecretária de Patrimônio Cultural

CHRISTIANE GIMENES
Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Diretor de Conteúdo

Erlon José Paschoal

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

GOVERNO DO ESTADO

JOSÉ RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-Governador

ALCIO DE ARAÚJO
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

Conselho Editorial:

Erlon José Paschoal/Erly Vieira Jr./Marcos Alencar/Reinaldo Santos Neves/Sérgio Blank

Este Caderno pode ser
acessado nos sites
www.dio.es.gov.br
e www.secult.es.gov.br



Vitória é uma festa

Eo Festival Nacional de Teatro Cidade de Vitória completou oito edições. Não é pouco, considerando a dificuldade de se convencer governos da importância de efetivar práticas que democratizem o acesso à arte em geral, e às artes cênicas em específico.

Participaram desta edição 19 grupos ou companhias nacionais, um internacional e nove locais. Uma festa das artes cênicas, como sugere a etimologia da palavra festival.

Se a existência de um festival com tantos espetáculos já é algo interessante, neste ano um elemento a mais fez a festa ainda melhor: três espetáculos/grupos que não estavam na programação oficial fizeram uma mostra off (paralela), totalmente coletiva e independente, como acontece nos melhores festivais do país.

No VIII Festival Nacional de Teatro, as nove peças (e grupos) locais foram escolhidas por uma curadoria formada por representantes do poder público e Conselho Municipal de Cultura, levando em consideração a excelência artística do espetáculo, a diversidade cultural da produção local e qualificação dos envolvidos. Não obstante os critérios da curadoria, eu havia sentido falta na programação de espetáculos como Benjamin, muito bem acolhido desde a sua estreia em 2011, e Insone, competente trabalho de dança-teatro do Grupo Z de Teatro.


Graças à mostra off, o público não foi privado de assistir a estas peças que, indiscutivelmente, vêm marcando positivamente a nossa

produção nos últimos anos. Insone, por exemplo, acaba de ser escolhido para circular por todo Brasil no magnífico projeto Palco Giratório, do SESC nacional. Esta seleção é uma peneira das mais estreitas, sendo a primeira vez que um grupo de teatro do Espírito Santo consegue entrar. Um feito e tanto.

Benjamin é fruto de um agrupamento de criadores, resultando em um trabalho sincero, de muita pesquisa e questionamentos. Foi muito elogiado no Aldeia SESC 2012.

Participou também da mostra o grupo Repertório Artes Cênicas, que acaba de fazer uma circulação em algumas cidades paulistanas, incluindo a capital, São Paulo. A circulação em São Paulo foi possível graças ao Prêmio Myrian Muniz de Teatro, concedido pela FUNARTE.

Graças à mostra Off, organizada e financiada pelos próprios artistas, o público contou, portanto, com mais três espetáculos, somando 12 atrações locais disponíveis no período do festival em Vitória.

Um festival de teatro, antes de tudo, precisa mostrar um extrato da amplitude e complexidade do universo que pretende explorar. E que universo é este? Espetáculos tão bons realizando uma mostra paralela a uma programação oficial e, principalmente, demonstrando força de organização e iniciativa, é sinal incontestável de que o teatro feito no Espírito Santo vive dias cada vez melhores. 



Saulo Ribeiro é
Escritor e Produtor
editorial

CAPA

Acesso pleno à C

Hoje há um consenso no Brasil de que é preciso minimizar as distorções provocadas por um processo de desenvolvimento que excluiu uma parte significativa da população de políticas públicas efetivas e de serviços sociais básicos. Em sua gestão, o Governador José Renato Casagrande tem implementado um programa amplo composto por ações multisetoriais voltado para os territórios nos quais a desigualdade, oriunda da injusta distribuição de renda e da carência de acesso às benesses da sociedade, deixou marcas profundas. E a Política Cultural também faz parte dessa grande mobilização institucional em prol da cidadania por meio de ações que fomentam a prática da atividade artística e potencializam as diversas manifestações culturais existentes nesses lugares.

O acesso à Cultura é um direito constitucional de todos os cidadãos, assim como o direito à Educação, Saúde, Segurança etc. Acredito que o conhecimento e a arte são ferramentas da cultura para contribuir com a transformação social, oportunizando aos cidadãos, momentos de alegria e de celebração da vida.

Iniciamos recentemente uma série de ações que deverão acontecer em onze bairros inseridos no

Programa Estado Presente. Serão mais de 200 ações de música, dança, teatro, circo, capoeira e cinema visando à mobilização das respectivas comunidades em torno da atividade cultural. A Orquestra Filarmônica do Espírito Santo fará uma apresentação em cada um dos bairros colocando a população em contato com a arte da música sinfônica. Também serão realizadas oficinas de dança, teatro, música, circo, capoeira e audiovisual que possibilitarão a aprendizagem de um rico instrumental para a expressão de talentos, sonhos e anseios destas comunidades.

Poucos meses atrás, alguns jovens moradores dos bairros Terra Vermelha (Vila Velha), Feu Rosa (Serra), Nova Rosa da Penha (Cariacica) e Vila Bethânia (Viana)



Maurício José da Silva é Secretário de Estado da Cultura do Espírito Santo



Maurício José da Silva
gabinete@secult.es.gov.br

ultura



participantes das oficinas de audiovisual da Mostra Meu Lugar tiveram os seus respectivos filmes selecionados para participar de dois festivais brasileiros importantes: o Visões Periféricas, no Rio de Janeiro, e o Kinoforum, em São Paulo. Temos certeza de que a vivência desses jovens nestes dois eventos exercerá uma influência significativa nos meios sociais dos quais fazem parte.


Os quatro filmes foram exibidos na praça pública dos seus bairros de origem e encantaram o público

por registrarem personagens e situações relevantes na vida e nas relações sociais presentes no cotidiano dessas comunidades. Foram também exibidos na TV Educativa do Espírito Santo (TVE) possibilitando a um público mais amplo o acesso ao seu conteúdo social e artístico e destacando processos criativos protagonizados por jovens moradores da periferia da Grande Vitória.

As ações conjuntas com outras secretarias de Estado – Educação, Saúde, Segurança, Ações Estratégicas, Casa Civil, Esporte, Assistência Social, Casa Civil/Subsecretaria de Movimento Sociais e Turismo – fortalecem ainda mais a presença da Cultura em função de sua característica agregadora, interdisciplinar e geradora de práticas e convívios sociais que promovem o desenvolvimento humano e proporciona visibilidade dos talen-

tos individuais e coletivos.

Em parceria com a Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES), pretendemos ampliar a oferta de educação musical já presente em alguns territórios. Com a aquisição de mais um veículo, a Biblioteca Móvel amplia a sua capacidade de estimular o prazer da leitura motivando a busca por conhecimento ao possibilitar que mais pessoas tenham acesso fácil ao livro.

É a partir da expressão cultural que uma comunidade manifesta seus valores, constrói imaginários e elabora transformações. Por isso, uma política cultural deve se esforçar para que as suas ações promovam, junto com o encantamento, a emancipação e a dignidade das pessoas. 



PAISAGEM CULTURAL

Paisagem *Cultural* O

A compreensão de novos modos de olhar a cidade demanda tempo e diálogo para que os argumentos possam efetivamente ser construídos, testados, lapidados e então apropriados pela sociedade. O conceito de Paisagem Cultural é relativamente recente na criação de parâmetros capazes de interferir na orientação ao crescimento dos centros urbanos. Neste sentido, suscita reflexões para compreensão da legitimidade do instrumento.

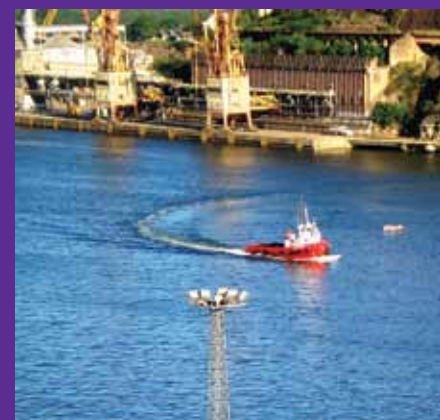
A construção de mecanismos que garantissem a preservação de bens edificados remete à criação do IPHAN em 1937. A partir de então, o instrumento do Tombamento passou a admitir como de interesse público bens de valor cultural, legalizando a interferência do Estado sobre a propriedade privada. Em 2009, o tombamento do Sítio Histórico de



Muqui atendeu ao apelo da sociedade local pela proteção do casario eclético. Em 2012, o reconhecimento do Conjunto Histórico da Igreja Nossa Senhora da Conceição, em Conceição da Barra, foi motivado pelo pedido de auxílio da população local diante das obras promovidas pela municipalidade que pretendia transformar a praça da igreja em estacionamento. Defere-se daí a importância do tombamento como meio legítimo e manifesto na defesa dos interesses da sociedade.



Viviane Pimentel é Arquiteta MSc em História e Preservação do Patrimônio Cultural/UFRJ; Coordenadora e professora de Arquitetura e Urbanismo na UNIVIX



Viviane Pimentel

pimentel.v@uol.com.br

...preservando o que é mutável




Ocorre que o redesenho das cidades ocasionado pela urbanização redefiniu também a ambiência de inserção dos bens edificados, colocando em risco o seu valor e destituindo monumentos dos elementos que agregam qualidade e reforçam os motivos de seu tombamento. A consideração do monumento como fruto da construção social amplia a abrangência do perímetro de preservação, extrapolando o conceito estático do

volume edificado para a produção dinâmica e coletiva da paisagem envolvente. Não basta uma fachada; como elemento tridimensional o monumento demanda espacialidade, uma ambiência envoltória que lhe concede amplitude.

O tombamento visa manter as características físicas do imóvel, os registros materiais e espirituais que interligam sua história à da cidade. Esta cidade, no entanto pressupõe a mutabilidade, a sobreposição de camadas construídas ao longo de sua trajetória, num processo autofágico que aos poucos tende a eliminar os rastros de sua própria existência. Cabe estabelecer a qualidade deste processo de reescrita, quais permanências identificam o lugar e lhe conferem caráter, evitando o determinismo de discursos limitados e pouco criativos que entendem por desenvol-

vimento a substituição contínua das preexistências do lugar.

Daí ser inaceitável a ameaça de demolição imposta a 02 dos 05 galpões do Porto de Vitória, pois espelha a visão meramente quantitativa que desconsidera o valor e as possibilidades de usufruto da paisagem constituída. Luiz Fernando de Almeida dá a dica: “Um dos desafios da preservação do patrimônio cultural e natural é de agregar valor às atividades decorrentes de seu usufruto e manejo, de gerar emprego, renda e oportunidades econômicas”.

O desafio posto no conceito de Paisagem Cultural é implementar uma gestão inovadora que incentive a dinâmica de produção do território sem ignorar vivências, práticas e estruturas peculiares, sendo justamente este o diferencial que oportunizará a preservação mediante inserção de usos complementares e não predatórios. 



DIVERSIDADE CULTURAL

Festa do Caboclo *Bernardo*

Regência é uma vila de pescadores dentro do município de Linhares que se tornou conhecida não apenas pelas belas paisagens naturais, mas também pelo fato de ter sido palco de uma história de heroísmo. No ano de 1887, no litoral da vila, o pescador Bernardo José dos Santos (1855-1914)

tornou-se célebre ao salvar, em um esforço hercúleo, 128 náufragos do navio Imperial Marinheiro, resgatando-os em sua pequena embarcação. Bernardo tinha pais indígenas, mas a história o consagrou como o caboclo Bernardo (fontes: Museu Histórico de Regência; Secult, 2009).

Hoje, Bernardo é homenageado com uma festa que recebe o seu nome - Festa do Herói Caboclo Bernardo de Regência - e constitui um dos principais eventos do



Érika Domingos de Figueiredo é Antropóloga formada pela Unicamp e servidora da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo.



Érika Domingos de Figueiredo

erika.figueiredo@secult.es.gov.br

do de Regência: celebrando o congo e a sociabilidade

calendário festivo do município de Linhares. Em 2012, as comemorações começaram na sexta-feira, dia primeiro de junho, com o cortejo da Banda de Congo São Benedito, da própria localidade, e estenderam-se até o fim da tarde do domingo.

No Encontro de Bandas de Congo, que é realizado há mais de 20 anos, estiveram presentes cerca de quinze bandas de diferentes localidades do estado, o Coral Guarani Sol Brilhante e o Reis de Boi de Conceição da Barra – todos convi-

dados pessoalmente por Maria Bárbara Pelissari, a Tia Mariquinha. Vestida de rainha do Congo, esta festeira de 83 anos espera, desde as primeiras horas da manhã do domingo, para receber, ao lado do grupo de Reis de Boi, cada uma das bandas que chega à Regência. O congo, então, bate com força! O encontro também celebra a sociabilidade, favorecendo a interação festiva entre congueiros, brincantes e festeiros, com destaque para o compartilhamento de uma farta refeição entre todos.

Contudo, vale ressaltar que o restante da programação do sábado originou controvérsias. Sucederam à encenação da história de vida do Caboclo Bernardo um bingo e, em seguida, três diferentes shows: um de uma banda pop rock local, um show de abrangência regional e um nacional. Segundo o que nos foi relatado, este foi o primeiro ano em que foi incluído um artista da indústria cultu-



ral, com fama nacional e cachê de custo elevadíssimo. Apesar das alegadas vantagens do ponto de vista do turismo e comércio locais devido à afluência de turistas, é sempre duvidoso e questionável se, face aos impactos e perturbações causados, a comunidade local realmente costuma se beneficiar com esses grandes eventos. Duas consequências frequentemente observadas nestes casos justificam nossa preocupação. Pri-

meiro, os moradores deixam de se identificar com aquelas festas e se afastam. Segundo, a comunidade acaba perdendo o controle sobre o evento, sendo expropriada do poder de decidir sobre as celebrações que, tradicionalmente, ela própria organizava e fazia acontecer. Neste sentido, consideramos que não há necessidade dos artistas da cultura de massa e do mercado pop “pegarem carona” nas celebrações populares nas quais quem deve brilhar são as comunidades, os mestres, brincantes e grupos culturais locais. ■



¹Consultar as legendas do Museu Histórico de Regência e a Secretaria de Estado da Cultura/Secult. Arquitetura: Patrimônio Cultural do Espírito Santo. Vitória: 2009.

²Dona Mariquinha relatou que neste ano estava vestida de rainha, mas que também possuiu um vestido de imperatriz do Brasil e que quando o usa representa a princesa Isabel que condecorou o herói Bernardo.

³Segundo Tia Mariquinha, há 11 anos o Reis de Boi se apresenta nesta festa. O grupo que costuma se apresentar é o do Mestre Nenê, porém, neste ano, por enfrentar dificuldades o próprio mestre convidou o grupo do mestre Nilo para estar presente em Regência.

POESIA

A *poesia* na música



Andra Valladares é poeta, cantora e compositora e integrante do grupo litero-musical Vozes da Vila.

O Brasil é um celeiro de talentos musicais e poéticos, uma prova disso é que a música brasileira é cultuada em todo o mundo. Nossa música tem melodia, harmonia, ritmo e letra. Por óbvio, estou incluindo neste pacote apenas a boa safra MPB, aquelas músicas “tipo exportação” que nem sempre estouram por aqui, infelizmente.

Que temos muitas letras de música que são poema, isto é fato. Mas toda letra de música pode ser considerada poesia? O que diferencia a poesia da letra de música?

Entendo que a poesia está na intenção. Pode-se compor uma poesia para uma melodia já pronta, pode-se musicar um poema, daí nascem músicas com letras poéticas. Como se pode também tentar compor uma música, sem intenção poética e estética, visando apenas ao comercial.

Não é preciso divagar muito sobre o tema, pois é facilmente perceptível que boa parcela das músicas atuais têm apenas cunho comercial, não passam de produtos de consumo rápido, ou “de moda”, as chamadas músicas fast food. São músicas de sucesso meteórico, tocam por alguns meses e depois ninguém mais quer ouvir e muito menos regravar.

Por outro lado existem os clássicos populares, músicas que por sua construção melódica e poética perduram no tempo e passam a fazer parte do cancionário musical de um país. Aqui no Brasil possuímos vários compositores que nos presentearam com suas canções imortais como: Noel Rosa, Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Cartola, Milton Nascimento, Dolores Duran, Chico Buarque, dentre inúmeros outros.

Eis alguns clássicos da MPB que



Andra Valladares

andra.valladares@facebook.com

possuem letras dotadas de indiscutível poesia:

“Olho a rosa na janela, / Sonho um sonho pequenino, / Se eu pudesse ser menino / Eu roubava esta rosa / e ofertava, todo prosa, / à primeira namorada...” (“Modinha” - Sérgio Bittencourt)

Este clássico da MPB possui clara intenção poética e, além disso, é dotado de outras características da poesia que são métrica e rima. A letra foi composta quase toda em redondilha maior, ou seja, cada verso possui sete sílabas métricas.

“Quem nasce lá na vila / Nem sequer vacila / ao abraçar o samba / que faz dançar os galhos do arvoredo / e faz a lua nascer mais cedo.” (“Feitiço da

Vila” – autores: Noel Rosa e Vadico)


“Feitiço da Vila” é outro exemplo de canção com intenção poética, neste caso, a intenção já se inicia no título. Apesar de possuir versos assimétricos a letra é constituída de belas metáforas.

“Cheguei na beira do porto / Onde as ondas se “espaia” / As garça dá meia volta / E senta na beira da praia / E o cuitelinho não gosta / Que o botão de rosa caia...” (...) A tua saudade corta / como aço de “navaia” / O coração fica aflito / bate uma a outra “faia” / e os óio se enche d’água / que até a vista se “atrapaia” (“Cuitelinho” – música do folclore do Estado do Mato Grosso adaptado por Paulo Vanzolini e Antônio Xandó).

Apesar de toda a simplicidade a canção “Cuitelinho” possui uma poe-

sia tocante com belíssimas metáforas e, além disso, foi quase toda composta em redondilha maior.

Poderia comentar inúmeras canções do repertório musical brasileiro com letras de inestimável valor poético e artístico. Entretanto aproveito para ressaltar a importância de estarmos atentos ao que consumimos musicalmente.

Os ouvidos são uma porta sempre aberta para o nosso inconsciente, prova disso é que ouvimos tanto o que queremos quanto o que não queremos e os meios de comunicação se aproveitaram deste fato para nos impor os produtos que desejam vender. Contudo, sempre que pudermos escolher o que ouvir, alimentemos nossa alma com música e poesia! 



ECONOMIA CRIATIVA

Novo cenário

Economia criativa, de acordo com o inglês John Ho-wkins, no livro “The Creative Economy” (2001), são atividades que resultam em indivíduos exercitando a sua imaginação e sua capacidade inventiva explorando seu valor econômico.

Num passado não muito remoto a economia era ditada por grandes parques industriais e hoje o que vale dinheiro são as idéias geniais. Esse novo contexto é a base do conceito da economia criativa, que ganha força no Brasil e no nosso Espírito Santo. E essa economia não é um novo setor, mas uma nova forma de arranjo das atividades dos bens e serviços de maior valor agregado. Atividades que já existiam, mas deixaram de ser coadjuvantes e passaram a ser protagonistas no mercado devido ao seu peso na economia.

O tema surgiu na Austrália, em 1994, em discurso proferido pelo Primeiro Ministro Paul Keating. Em 1997 o reino Unido iniciou o uso do termo alinhado com a geração de empregos e riqueza e, como uma potência industrial que sempre



Karina Goldner
Fideles Biriba é
jornalista



Karina Goldner Fideles Biriba

Karina_Goldner_Fideles_Biriba/findes/findesnet@findes.org.br

rio econômico mundial




foi, espalhou a ideia pelo mundo. No Brasil a temática começou a ser discutida em 2004 pelo Embaixador Rubens Ricupero, quando Secretário-Geral da UNCTAD (sigla em inglês para Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento).

A partir daí empresários, economistas, pesquisadores e o poder público debatem economia criativa, reconhecendo seu potencial como estratégia de desenvolvimento.

De acordo com dados das Nações Unidas, o setor representa 8% do PIB mundial e tende a crescer em média 10% ao ano, nas próximas décadas. Esses negócios são gerados em

torno de música, literatura, design, moda, desenvolvimento de softwares, artesanato. O patrimônio é conhecido como intangível, mas os ganhos obtidos por meio dele são bem concretos. No período de 2000 a 2005, o setor cresceu duas vezes mais que os serviços tradicionais e quatro vezes mais que o setor de manufaturas.

A economia criativa está na pauta do governo federal, através da Secretaria de Economia Criativa, do Ministério da Cultura, com propostas embrionárias de projetos como criação de observatórios estaduais que têm como finalidade estimular o fomento de empreendimentos criativos, além de buscar a formalização destes setores, o que permitiria uma melhor avaliação da força dessas atividades no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro.

Mas não podemos considerar a economia criativa como salvação da economia, trata-se de um rearranjo do capital, que coloca o intelecto a seu serviço, um reposicionamento no cenário mundial. 

CULTURA JOVEM

Reviravolta *Coletiva*

- Trabalho em rede
para a transformação



Amanda Brommonschenkel é Agente cultural, integrante do Assédio Coletivo e Gestora de Projetos do Programa Rede Cultura Jovem

A existência de coletivos e grupos culturais de certo não é uma proposta inovadora e recente. No entanto, o poder conferido hoje à essas organizações é amplificado a partir das novas tecnologias e formatos de mídia. Ou seja, os apenas consumidores de outrora assumem também, a partir dessa nova configuração tecnológica e midiática, o papel de produtores de informação e maximizam suas capacidades de ativismo social e disparadores de conteúdo, a partir de causas coletivas.

No final do mês de agosto, aconteceu na cidade de Vitória a Reviravolta Coletiva, uma semana cultural independente que reuniu em uma agenda integrada as ações de coletivos culturais. O evento tomou corpo a partir do acionamento de uma rede de coletivos produtores que trabalham com linguagens artísticas distintas. Foram catalogadas por volta de 60 iniciativas culturais durante os 6 dias de evento. Vontade comum para esses grupos é a expectativa de criar novos repertórios, pautas culturais e uma

nova forma de consumo de bens simbólicos com foco nas produções locais e autorais.

Essa indústria cultural, sustentada pelas produções independentes, é hoje reconhecida nacionalmente por meio de um pilar central que é a Economia Criativa. No Espírito Santo os pontos produtores estão a todo vapor e cada vez mais existe a demanda por espaços de intercessão e trocas. Essa configuração reforça a manutenção de uma rede cada vez mais forte de cultura.

A eficácia de uma relação constituída de pontos produtores em rede é caracterizada pela qualidade das conexões estabelecidas. À medida que as ações e agendas são integradas com protagonismo e autonomia, aumenta-se a confiança e as possibilidades de trocas entre as partes. Com maior frequência de diálogo as produções passam a ser construídas e pensadas com caráter colaborativo visando sempre o enriquecimento dos atores da própria rede e do cenário sociocultural em que ela está inserida.


Amanda Brommonschenkel

jornadaprcj@gmail.com

iva

e protagonismo
ção cultural

Além de mostrar a possibilidade e a força da transformação urbana promovida por ações culturais integradas, eventos como a Reviravolta Coletiva geram uma fagulha de transformação e inquietação dentro da estrutura dos coletivos, tornando-os mais atentos e ativos em uma rede cultural integrada. A participação em movimentos como esse é pautada pelo protagonismo individual, mas com entendimento de uma perspectiva de gerar novas vivências a partir do trabalho colaborativo, do ganho comum e da formação, a partir das trocas em rede.

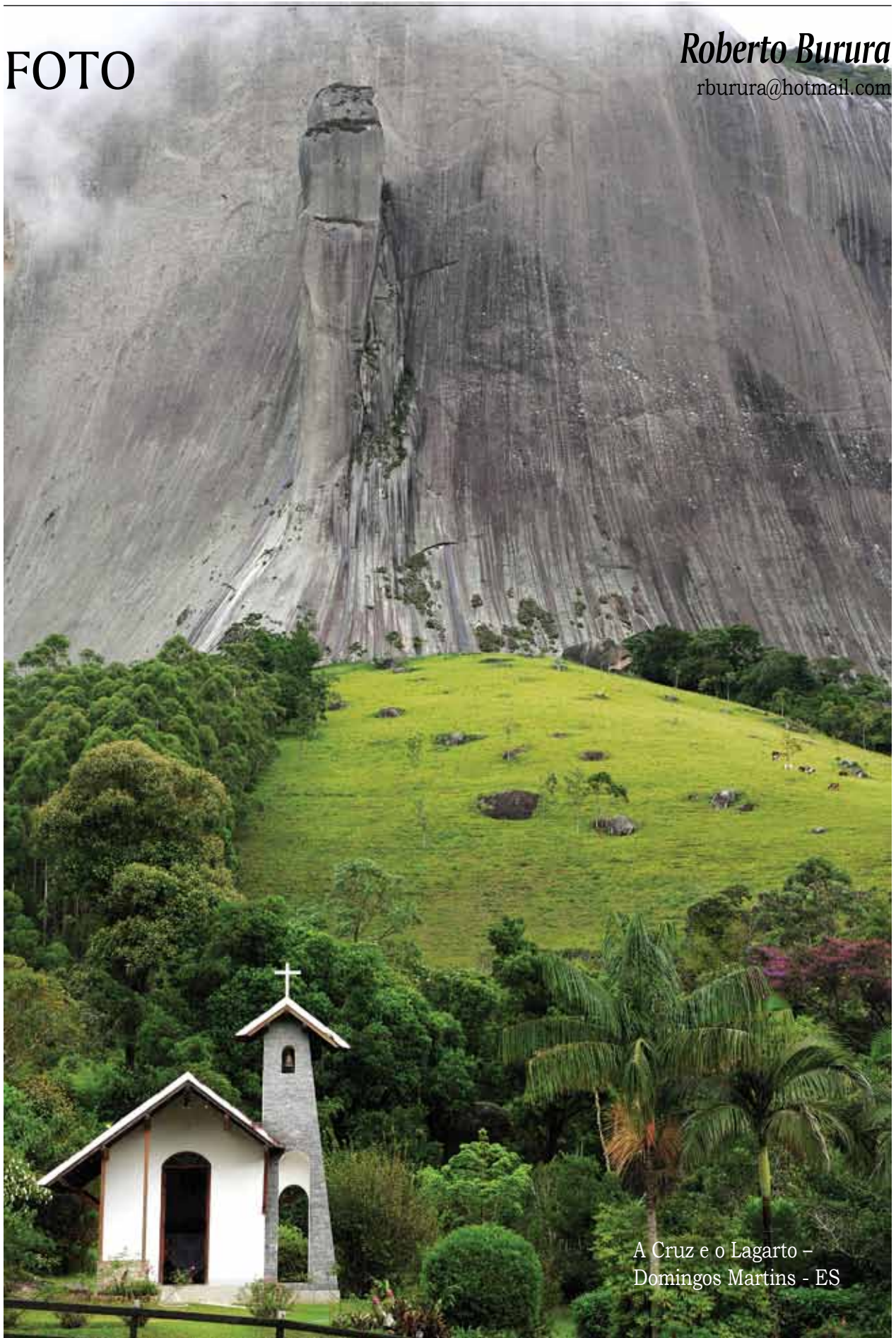
Amparados pela resignificação do uso das ferramentas de comunicação e tecnologias, bem como por práticas de horizontalidade, os coletivos trazem agora para o meio físico os modelos de articulação virtual e têm a oportunidade de transformar as interações que antes aconteciam somente online em experiências diretas. Uma possibilidade de conduzir as relações sociais e econômicas a novos rumos. 



FOTO

Roberto Burura

rburura@hotmail.com



A Cruz e o Lagarto –
Domingos Martins - ES